

A INSTRUÇÃO PARAIBANA CONTADA ATRAVÉS DOS IMPRESSOS JORNALÍSTICOS DO SÉCULO XIX (1858-1889)¹

Thiago Oliveira de Souza²

Cláudia Engler Cury³

O objeto de estudo que guiará nossa exposição durante este artigo é a imprensa paraibana do oitocentos e sua função como portadora de discursos, em particular os vinculados a instrução. Para tanto, utilizamos como fonte primária os periódicos paraibanos do período compreendido entre 1858 a 1889. Acompanhando este raciocínio, é interessante levarmos em consideração em nossa análise os jornalistas que escreviam nestes periódicos, tendo em vista que o meio social em que estavam inseridos influenciava na escrita. Relações de poder, compadrio, contendas particulares se faziam presentes nos discursos por eles implementados na fala jornalística.

Vivemos em uma sociedade onde a velocidade da informação é a tônica. Através de um clique percorremos o mundo inteiro e temos acesso a praticamente qualquer informação, mas no recorte proposto para este trabalho a realidade era bem diferente. A grande parcela dos periódicos trabalhados vendiam assinaturas para o interior da província. Os habitantes da capital tinha acesso a este material com relativa facilidade, mas as cidades distantes receberiam os jornais com dias e até mesmo semanas de atraso.

Apresentaremos agora os jornais paraibanos existentes na província da Parahyba do Norte no recorte de 1858 a 1889, bem como os jornalistas que compunham as suas respectivas redações. Antes de tudo, convém fazer algumas ressalvas. Recentemente, ao pesquisarmos no recenseamento populacional referente ao ano de 1890 encontramos uma observação que se aplica a esta pesquisa⁴:

É, pois, dever de lealdade de todo aquelle que fornece materiaes a estudo de qualquer natureza, declarar quaes os vícios presumíveis d'esses elementos, já devidos a imperfeição dos instrumentos e ás causas perturbadoras da operação, já mesmo áquelles que emanarem do proprio observador.

¹ Este artigo é fruto do projeto de iniciação científica *As Escritas da História sobre a Instrução na Parahyba Oitocentista*. PIBIC/CNPQ.

² Aluno da graduação em história pela Universidade Federal da Paraíba.

³ Orientadora. Professora do DH e do PPGH-UFPB.

⁴ Este trecho está disponível na introdução do recenseamento de 1890. IBGE.

O período que nos propusemos a estudar é bastante recolhido no tempo, o que dificulta uma análise mais completa sobre o objeto de estudo. Na província paraibana existiram dezenas de jornais, que emergiam e desapareciam em tempo bastante reduzido. Por este motivo, pouquíssimos exemplares sobreviveram a ação do tempo e as precárias condições de armazenamento.

Deste modo, o relato que agora segue é baseado no estudo de onze jornais paraibanos. Por este motivo, achamos interessante tecer comentários apenas sobre jornalistas que escreveram ou contribuíram de alguma forma para estes jornais. Por último, uma observação que julgamos interessante. Era comum na escrita jornalística do século XIX o anonimato ou uso de pseudônimos. São raríssimas as matérias assinadas. Sendo assim, não é possível precisar o responsável pelo discurso. Neste caso, uma solução seria imputar a autoria ao corpo redacional.

Começamos a análise pelo periódico *O Despertador*. Algo que chamou a atenção de todos que participaram do trabalho de coleta de fontes⁵ foi a relevância deste jornal. Encontramos referências sobre o mesmo em periódicos tanto das décadas de 1860 como na de 1880. Pelo que foi observado, sempre possuiu uma postura combatente, tendo em vista os comentários ácidos da imprensa contrária. Para evidenciar este fato, temos o seguinte trecho publicado no jornal *O Imparcial*⁶:

Não temos a imensa circulação do collega do “Despetador”. A nossa folha não passa de um tugurio de empregado publico que provavelmente não a lê; entretanto que o “Despertador” é lido nos diferentes angulos deste vasto imperio, e entra em todas.

Seu primeiro número foi publicado no ano de 1859, sob os auspícios de Cassiano Hipólito Ribeiro. A propaganda presente em suas edições é bastante reduzida, sendo o destaque reservado para os fartos comentários políticos, tanto nacionais quanto internacionais. Em sua segunda fase adere definitivamente ao partido liberal e ostenta uma expressiva tiragem de 700 exemplares. Sobre este fato, Rêgo Filho (1963 : 12) relata:

Pseudônimos como Labérius, Mastiga, Garat e o arisco Thierry que, numa série de artigos, vergasta seus adversários Eugênio Toscano de

⁵ A pesquisa faz parte da iniciação científica, mas participaram outras pessoas do grupo de pesquisa.

⁶ O Imparcial. 23 de janeiro de 1861. O Imparcial. O numero 149 do Despertador.

Brito, de A Gazeta da Parahyba”, e o Barão da Abiahy, tornam-se célebres na cidade. O Dr. Gama e Mello foi um de seus mais incansáveis batalhadores.

Assim como o *Jornal da Parahyba* e *O Publicador*, fez parte do grupo dos mais longevos periódicos paraibanos do período imperial. O seu declínio só aconteceu quando assumiu uma postura partidária, mas enquanto esteve *neutro* gozou de dias de glória. De acordo com a historiografia, sobreviveu durante vinte e dois anos. Mesmo com a sua importância sendo ressaltada até pelos periódicos adversários, pouquíssimos exemplares, para ser mais exato dois volumes, sobreviveram até os dias atuais. Fato que deixa uma lacuna incalculável para os pesquisadores paraibanos.

O seguinte foi *O Publicador*. Iniciou suas atividades em meados de 1862, só encerrando seus trabalhos em dezembro de 1886. Foi de propriedade de José Rodrigues da Costa, futuramente de seus herdeiros. No acervo pesquisado encontramos exemplares dos anos de 1884, 1885 e 1886, extremamente bem conservados. Em relação a instrução, é notória a presença em suas páginas de exames preparatórios, leis, resenhas e matérias variadas.

Seus corpo redacional trazia figura ilustres da sociedade paraibana, como Eugênio Toscano de Brito, o Pe. Lindolfo José Corrêa das Neves, José Ferreira de Novaes, Benjamin Franklin D’ Oliveira e Mello entre outros. Pelo esmero de seus artigos sempre se metia em polêmicas, embora não seja tão mencionado como *O Despertador*.

O jornal paraibano mais antigo localizado com matéria referente a instrução foi *A Imprensa*. Pouco foi descoberto sobre este periódico, apenas que integrava as fileiras do partido Conservador e que circulou de 1858 a 1862. Pouquíssimo exemplares chegaram até nós, sendo um volume localizado no acervo da Fundação José Américo e mais três no IHGP.

Outro periódico pesquisado foi *O Imparcial*. Sobre sua existência é possível falar que esteve sobre os cuidados de Atilano Silva e possuía circulação bissemanal, além de ser de origem conservadora. Na seqüência do nosso estudo temos *A Regeneração*. Circulou nos anos de 1861 e 1862 e uma parte considerável de seus exemplares então presentes no IHGP. Ligado ao partido conservador, manteve a mesma linha da *Imprensa*. Possuía uma parte oficial bastante rica, trazendo os inúmeros atos do governo. A quase totalidade das matérias coletadas sobre a instrução advinham desta

seção, montando um panorama de decretos, atos oficiais, legislação e demais assuntos ligados à presidência da província.

Mas, seguindo um movimento nacional em que os órgãos conservadores tendiam a uma concentração de forças, *A Regeneração* e os demais periódicos desta orientação desapareceram, com o intuito de centralizar os esforços em apenas um jornal. Deste modo, nascia *O Jornal da Parahyba*. Sobre este evento, Alcides Bezerra (1920 : 55) assinala: “No intuito de vel-as por nossa parte e d’uma vez finalizadas, acordamos em supprimir todos os jornaes, representantes dessas facções que se dizem conservadoras, e publicar um novo com o título ‘de Jornal da Parahyba’”.

Apesar de sua criação datar da década de 1860, só foi possível localizar os volumes que datam da última década do império. Particularmente nos anos de 1886 e 87 encontramos relatórios da instrução pública atas da assembléia legislativa, despachos, sendo, portanto, o acervo composto basicamente por matérias oficiais. Esteve ativo durante vinte oito anos e só encerrou suas atividades no primeiro ano do governo republicano.

Na década de 1870 só foi possível a localização de dois jornais: *A Opinião* a *União Liberal*. Ambos vinculados ao partido liberal são os únicos representantes deste período. O primeiro foi criado em 1877 e possuía circulação bissemanal. Por representar um partido trazia em seu interior notícias nacionais e internacionais, além de editais, movimentos do comércio e notícias dos municípios. Suas matérias variam de simples reportagens sobre a seca a elogios ao então jovem Rui Barbosa. Mas, é obrigado a encerrar seus trabalhos quando cai em descrédito perante a população, em virtude dos numerosos ataques sofridos por parte do partido conservador.

A União Liberal surge em 1878 com a finalidade de substituir *A Opinião*. Rêgo Filho (1963 : 17) assinala:

Mais audacioso que seu predecessor, aparece como tri-semanal (terças, quintas e sábados). Quase que essencialmente político, apresentava na primeira página uma coluna sob o título “Parte Oficial do Govêrno da Provincia”, onde publicava os atos da Assembléa.

Também possuiu uma existência efêmera, encerrando suas atividades no ano de 1879. Ambos podem ser encontrados no acervo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, sendo compostos exatamente de trinta e três e quinze exemplares,

respectivamente. Trazem matérias dispostas em noticiários e na parte oficial, que por sua raridade se constituem em fonte de consideração para a história.

No ano de 1884 temos o aparecimento do *Diario da Parahyba*, Jornal que se intitulava de todas as classes e que findou de forma inexplicável no ano de 1885. Foi bastante popular em suas matérias de curiosidades, por exemplo. Os volumes relativos aos dois anos de sua existência estão no IHGP e no acervo do Arquivo dos Governadores, mas estão em péssimo estado para pesquisa.

É interessante destacar a relevância deste material para a história da educação, principalmente nos anúncios sobre colégios, clubes literários, estatutos, além da interessante “Exposição do estado da Instrução Primaria e Secundaria da Provincia da Parahyba do Norte apresentado ao congresso de instrucção”.

No ano de 1887 temos a criação do jornal abolicionista *O Arauto Parahybano*. Em suas fileiras estava Eugênio Toscano de Brito, que era médico, jornalista, professor entre outras atividades. Temos matérias sobre a abolição, professores públicos, noticiários e a instrução pública especificamente. Aos nossos dias sobreviveram dezesseis volumes deste periódico.

Finalizando o período imperial temos a relevante *Gazeta da Parahyba*. Criada por Eugênio Toscano de Brito foi muito importante para a província, tendo em vista sua estrutura diferenciada, além da circulação diária⁷. A política em todos os seus matizes era tratada neste diário, além de uma importante seção chamada folhetim, trazendo consigo traduções e outros textos. Encerra suas atividades no governo republicano, assim como o *Jornal da Parahyba*⁸. Todos os jornais expostos neste artigo foram localizados, alguns em pouquíssimos exemplares e outros com volumes que ultrapassam as centenas.

Já tratamos os jornais do período, portanto, agora é interessante relatarmos o nome de alguns jornalistas responsáveis por esta imprensa. Quem eram esses homens e de qual grupo social adivinham? Mariano (2003 : 89) nos diz:

As pessoas que escreviam nos periódicos eram basicamente membros da elite que, geralmente, estavam no serviço público, e exerciam funções de bacharéis, médicos, militares, jornalistas, entre outras. Escreviam como historiadores autodidatas vinculados, geralmente, ao

⁷ Trata-se do primeiro jornal a ostentar uma periodicidade diária.

⁸ Os jornais citados encerraram suas atividades nos primeiros anos da república. O *Jornal da Parahyba* no ano de 1889 e a *Gazeta da Parahyba* em 1890.

poder estabelecido, deixando transparecer em suas produções a influência do *lugar social*.

A educação estava restrita ao livres, desta forma, nada mais natural do que apenas homens de famílias importantes, ou ligadas a elas, escrevessem nos jornais. Para entender a natureza e origem dos discursos é interessante levarmos em consideração o *lugar social* proposto por Michel de Certeau. Toda pesquisa deve ser articulada com os meios pelos quais o conhecimento original foi produzido, sendo levada em consideração a sociedade e a conjuntura específica de inserção deste autor. Segundo Certeau (2008 : 67): “É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas, se organizam”.

Na imprensa paraibana é comum encontrarmos jornalistas de famílias importantes e envolvidos na política. Para tanto, posso citar inicialmente o exemplo de dois deles, o Sr. Eugênio Toscano de Brito e Silvino Elvídio Carneiro da Cunha. Ambos pertencentes respectivamente ao jornal *Gazeta da Parahyba* e o *Jornal da Parahyba*. Eugênio Toscano de Brito era filho do também jornalista e político Felizardo Toscano de Brito. Sua família sobrevive até o século XXI. Foi professor, médico, jornalista, diretor da instrução pública, do Lyceu Parahybano e da Escola Normal, além de estar envolvido na política. Foi o fundador do já citado *Gazeta da Parahyba*, bem como colaborador relevante de *O Publicador*.

O nosso segundo jornalista, o Sr. Silvino Elvídio Carneiro da Cunha foi proprietário de importante periódico, o *Jornal da Parahyba*. Dedicou-se durante décadas ao seu jornal, até sua extinção na então recém-proclamada república em 1890. Segundo Socorro Barbosa: (2009 : 56), temos o seguinte:

A história política da Paraíba teve nesse ilustre homem público um dos seus pontos culminantes pela atividade que exerceu como chefe e orientador do Partido Conservador, cuja agremiação fora fundada com o apoio no poderio de sua ilustre família.

A origem social destes indivíduos estava presente em seus textos. Temos jornalistas que exerciam profissões como professores, padres, políticos, advogados, funcionários públicos entre outras ocupações. Entender o jornalismo paraibano do oitocentos passa obrigatoriamente pelo movimento de análise das famílias de maior vulto e representatividade do período.

Procuramos entender de que forma o fazer jornalístico estava estruturado, analisando a constituição da imprensa paraibana como ponto inicial do nosso trabalho. Percebemos, dentre outras coisas que era impossível, na maioria dos casos, separar política e jornalismo. Sobre a instrução, o governo justificava a falta de investimentos neste setor pela ínfima arrecadação provincial. Mas, por outro lado, os orçamentos publicados nos próprios periódicos demonstravam que a instrução era bem servida com recursos, porém, não podemos afirmar que o destinado realmente foi aplicado.

Percebemos que, mesmo com o jogo político entre os partidos conservador e liberal, a imprensa exerceu sua função fiscalizadora. Temos resenhas, denúncias e comunicados relatando a situação da educação e cobrando soluções por parte do governo da província. Os jornais possuíam uma postura política partidária declarada, sendo assim, quando um presidente conservador, ou liberal, estava no poder existia um jornal ligado a este órgão para dar suporte. São frequentes as acusações entre os próprios periódicos, cada um defendendo a sua ideologia.

A imagem da instrução pública construída através do periodismo paraibano demonstra certo pessimismo, tendo em vista que na maioria dos casos só encontramos documentos lastimando a precária situação deste ramo da administração pública. A partir da leitura de alguns textos produzidos por autores paraibanos não concordamos que a instrução se encontrava neste caos retratado nos jornais. Porém, aos que desejam utilizar este material como fonte fazemos ressalvas. Toda pesquisa parte com a problematização das fontes. Os que escreviam nos jornais possuíam suas aspirações e desejos próprios, que muitas vezes se misturavam com os textos. As nossas fontes servem como ponto de partida e não como o fim.

Os professores e os estudantes também apareceram na imprensa. Sobre os discentes pouco foi escrito, mas os docentes, por sua vez, são mencionados desde o primeiro jornal localizado, lá no longínquo ano de 1858. A partir das análises realizadas entendemos que existiam dois tipos de professores, os da instrução primária e os do ensino secundário.

Os secundaristas estavam vinculados ao Lyceu Parahybano, que durante o oitocentos figurou como único estabelecimento voltado para este fim. Sempre eram retratados como idôneos, capazes e zelosos pelo bem estar da instrução. Os da instrução primária, por sua vez, eram relegados a segundo plano. Em boa parte do material localizado são vistos como causa da educação se encontrar em estado precário. Em jogo estava à má formação, falta de aptidão para o magistério e os apadrinhamentos políticos.

Os jornais paraibanos do oitocentos constituem uma primorosa fonte para pesquisa. O presente artigo busca propor caminhos e apresentar esta documentação. Mas, ainda há muito por fazer e perspectivas a serem aplicadas a este material. A nossa intenção inicial era contribuir com a história da educação paraibana. Esperamos ter oferecido ao leitor algumas pistas e indícios sobre a escrita jornalística relativa a instrução na província da Parahyba do Norte.

Referências

ARANHA, Gervácio Batista. *Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e Outras Conquistas Materiais e Simbólicas (1880-1925)*. In: Ó, Alarcon Agra do, et alli. *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*. 3º ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: Imprensa e vida*. João Pessoa. 2ªed. 1986.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (org). *Pequeno dicionário dos escritores / jornalistas da Paraíba do século XIX*: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand. João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/>.

BEZERRA, Alcides. *A imprensa na Parahyba*. RIHGP. Ano XIV. Vol 5. Parahyba do Norte. 1920.

CARR, Edward Hallet. *Que é história?*. São Paulo: Paz e Terra. 2002

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2008.

GOMES, Jandynéa de Paula Carvalho. *A profissionalização dos professores na Parahyba do Norte (1834-1889)*. In: FERRONATO, Cristiano & PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira (orgs). *Temas sobre a instrução no Brasil imperial*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

LEAL, José. *A imprensa na Paraíba*. João Pessoa: A União. 1962.

RÊGO FILHO, Antônio Serafim. *Síntese histórica do jornalismo na Paraíba*. João Pessoa: A União. 1963.

MARIANO, Serioja. *A Paraibanidade como culto: A construção dos discursos históricos sobre 1817 no IHGP*. In: MARIANO, Serioja; SÁ, Ariane Norma de M. (orgs). *Histórias da Paraíba*. João Pessoa: Ed. Universitária. 2003.

MARTINS, Eduardo. *Primeiro jornal paraibano: apontamentos históricos*. João Pessoa: A União, 1976.

_____. *Tipografia do Beco da Misericórdia*. João Pessoa: A União. 1978.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002. p.15-119.

_____. A institucionalização da Instrução Pública e Particular na Província da Parahyba do Norte (1821-1840). In: FERRONATO, Cristiano & PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira (orgs). *Temas sobre a instrução no Brasil imperial*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

PINHEIRO & CURY. *Leis e Regulamentos da instrução da Paraíba no período Imperial*. Brasília/DF: MEC/INEP/SBHE, 2004.

SÁ, Ariane Norma de Menezes. *Escravos, livres e insurgentes: Paraíba (1850-1888)*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2005.